



“TOMOU UMA DE SUAS COSTELAS E FORMOU A MULHER”: A TEORIA CRIACIONISTA E AS RELAÇÕES DE GÊNERO CONTEMPORÂNEAS

He took one of his ribs and created the woman: Creationist theory and
contemporary gender relations

Suyan Maria Castro Ferreira¹

Edla Eggert²

Resumo: Neste artigo, são analisadas algumas narrativas de professoras, da Educação Básica, a respeito da teoria criacionista e a forma como suas percepções ainda constituem modos que chamaremos de aprender a ser mulher num mundo androcêntrico. A pesquisa de opinião foi realizada com vinte professoras da rede privada de ensino de Porto Alegre, coletada por meio de um questionário e, posteriormente, sistematizado em seções temáticas. Em nossa análise dos dados, tomamos como referência os estudos de Marcela Lagarde (2005), Margarita Pisano (2001), Marcia Moraes (2002), Ivone Gebara (2012), Sônia Correa e Isabela Kalil (2020) e concluímos que, em parte, há a manutenção de elementos do criacionismo na vida das docentes, mas há também contribuições das conquistas dos movimentos das mulheres que lutam por sua autonomia e dignidade.

Palavras-chave: Mulheres. Feminismo. Gênero. Religião.

Abstract: In this article, some narratives of Basic Education teachers are analyzed regarding the creationist theory and the way in which their perceptions are still possible, which we will call learning to be a woman in an androcentric world. The opinion survey was carried out with twenty teachers from the private school system in Porto Alegre, collected through a questionnaire and later systematized in thematic emetics. In our data analysis, we took as reference the studies by Marcela Lagarde (2005), Margarita Pisano (2001), Marcia Moraes (2002), Ivone Gebara (2012), Sônia Correa and Isabela Kalil (2020) and concluded that, in part, there is the maintenance of elements creationism in the lives of teachers, but there are also contributions from the achievements of women's movements that fight for their autonomy and dignity.

Keywords: Women. Feminism. Gender. Religion.

¹ Pós-doutora em Estudos Feministas pela PUCRS. Doutora e Mestre em Educação pela UFRGS. Pedagoga pela PUCRS. Professora de Educação Básica. E-mail: suyanferreira69@gmail.com

² Pós-doutora em estudos sobre feminismos pela UNLP – Argentina e UAM-Xochimilco – México. Doutora em Teologia pelas Faculdades EST – São Leopoldo, RS. Pesquisadora PQ 1B so CNPq. Professora na Escola de Humanidades da PUCRS desde o ano de 2016. E-mail: edla.eggert@gmail.com



INTRODUÇÃO

A participação social das mulheres não é algo novo, ou seja, esteve sempre presente na sociedade patriarcal, mesmo quando não legitimada ou considerada ínfima sob determinados olhares. A luta coletiva por mais espaço, participação social e reconhecimento da mulher, como sujeito de direito, acontece há pouco tempo se comparado com o processo civilizatório humano. Como movimento que foi tomando força, forma e densidade, conforme a população foi se expandindo e a necessidade que nossa voz fosse escutada, data do século XIX. Contudo, as mulheres já haviam escrito, lutado e se pronunciado muito antes. Pode-se dizer que vivemos em uma constante arena de luta social, porque existe um apagamento sistemático dos movimentos de mulheres.

A partir da década de 1990, os movimentos feministas adentraram os centros acadêmicos, e, as pesquisas começaram a ocupar, com maior intensidade, os interesses de estudiosas e estudiosos da área. O lugar de pesquisa na Universidade com a inclusão de feministas, acadêmicos e políticos interessados na articulação, trouxe para o cerne do debate, os métodos de análise utilizados até então. As conquistas feministas demonstraram em boa medida que as novas reivindicações ampliaram hipóteses de trabalho e explicações sobre como as mudanças ocorrem sem haver verdades e origens únicas. Com isso, iniciou-se a compreensão dos estudos de gênero como categoria de análise sócio histórica e a tentativa de compreensão de como e por que se davam as desigualdades entre homens e mulheres, homens e homens e/ou mulheres e mulheres. Afinal quais práticas sociais e culturais estavam implicadas na imbricação de posturas preconceituosas, de mando e de subserviência.

Os movimentos feministas, precursores do questionamento da superioridade e do poder masculino, não estão alinhados ao redor de um posicionamento teórico consensual, bem como dependem de onde e como se manifestam. Esses movimentos são múltiplos em suas estratégias de continuidade das lutas pelos direitos humanos



das mulheres e, de forma geral, podemos afirmar que já obtivemos algumas conquistas, porém continuamos na busca por uma sociedade colaborativa e de equidade de gênero.

Em especial, a partir de nossas experiências docentes no Ensino Superior, este artigo analisa respostas de uma das perguntas, do questionário de opinião³ realizado em uma pesquisa maior. A pergunta se refere à teoria criacionista e, procura perceber crenças, ideias e verdades atravessadas nas narrativas que constituem a compreensão daquilo que Margarita Pisano⁴ identifica como sendo o ‘feminino patriarcal’ que, em boa medida, reforça práticas cotidianas sexistas. Em tal questão, foi solicitado que as respondentes escrevessem sua opinião sobre a criação do homem e da mulher, a partir da leitura do texto bíblico muito conhecido, Gênesis 2, 4 – 25. Vale lembrar que o referido texto é uma das narrativas muito utilizada pelos defensores da teoria criacionista.

Foi possível identificar cinco eixos de opiniões diferentes no material obtido, sendo eles: opinião adversa à teoria criacionista; a crença na simbologia da teoria criacionista; a possibilidade relacional não binária; o feminino como completude do masculino e críticas ao modelo patriarcal. Tais características estão presentes nas respostas das professoras e foram motivo para nossas reflexões.

O contexto pesquisado reporta-se primeiramente a nós, autoras desse artigo que, a partir de inquietações como mulheres com diferentes percepções das

³ A metodologia utilizada, nesse estudo, foi qualitativa com a aplicação de um questionário de opinião e um dos meios para a coleta foi o *WhatsApp*, devido à COVID19 que, até o final de 2020, não permitiu encontros presenciais. Nenhuma das respondentes é identificada, contemplando desse modo a Resolução CNS nº510/2016, que além de proteger os informantes pesquisados, permite procedimentos metodológicos que envolvem a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes, como questionários de opinião. O questionário continha oito questões abertas que puderam ser respondidas tanto na forma escrita quanto na forma gravada, para posterior transcrição. Todas as voluntárias, são mulheres com idades entre 27 e 52 anos. Do total, nove trabalham na Educação Infantil, oito no Ensino Fundamental I, duas são gestoras e uma trabalha com atendimento educacional especializado. Todas são formadas em Pedagogia, quatorze possuem pós-graduação concluído, três estão cursando e três ainda não buscaram a especialização.

⁴ PISANO, Margarita. **El triunfo de la masculinidad**. Santiago: Fem-e-libros, 2001.



conquistas feministas, debatemos a docência na Educação Superior, de professoras em formação, para a Educação Básica.

O PÊNDULO DA RELIGIÃO NA FORMAÇÃO DOCENTE

O Brasil é um país identificado como sendo majoritariamente cristão católico, porém, caminhando a passos largos para o neopentecostalismo que se mistura a um neoconservadorismo religioso, tanto católico como protestante. É, segundo Sônia Corrêa e Isabella Kalil⁵, um neoconservadorismo que tenta recolocar a família heteronormativa como centro da tradição patriarcal. Dessa forma, é possível perceber o investimento constante na difusão de ideias conservadoras por ordens políticas e religiosas que atribuem às mulheres ações e lugares de subserviência em relação à família e ao Estado. Esse discurso disseminado socialmente leva à tentativa de controle das reflexões efetivas e profícuas em torno das questões de gênero, das minorias e das diversidades existentes em diferentes âmbitos, no caso específico deste artigo, na escola.

As ideias aqui discutidas refletem, pontualmente, sobre a teoria criacionista, discurso o qual designa a amplitude da ação divina, demonstrando primeiramente a constituição do universo (terra e céu) até a conclusão de todos elementos que compõem o cenário conhecido. Dessa forma, expõe a soberania de Deus sobre todas as coisas, propiciando-lhes existência, acompanhando-as e, assim, sustentando Sua criação. Os textos sagrados não se preocupam em responder como surgiu o universo e sim, o sentido de sua Criação por Deus.

A Bíblia foi usada durante muito tempo (e ainda é) como instrumento para justificar a opressão das mulheres. A partir das histórias narradas, crentes tomam como determinantes as palavras proferidas, independentemente se descritas como mitos ou não. Ao atentarmos para os discursos presentes no livro, percebemos que a

⁵ CORRÊA, Sônia; KALIL, Isabella. **Políticas Antigênero em América Latina: Brasil**. Rio de Janeiro: Observatorio de Sexualidad y Política – ABIA, 2020.



força, a determinação, as resoluções de problemas estão sempre em mãos masculinas. Às mulheres, na maior parte da narrativa, cabem o cuidado, a gestação, a ajuda, as súplicas, e a secundariedade. Fala-se em Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito, percebendo a representação total do masculino, ou seja, os onipotentes, presentes e cientes são simbolizados como homens e, quando materializado em Deus, um deles vem à Terra, em um corpo, também masculino.

Em uma de suas obras, Ivone Gebara⁶ discute o conceito de cristianismo abarcando variadas possibilidades de compreensão em torno do termo. A autora enfoca diferentes olhares em relação à identidade cristã conforme a convicção que se tem de sua origem, atribuindo, ao mesmo tempo, grande plasticidade e complexidade ao tema. Sob essa perspectiva, podemos considerar o cristianismo como um fenômeno plural que adapta-se a diferentes culturas e contextos, visto que trabalha com elementos primordiais na constituição ontológica do ser humano. Contudo, está longe de ser caracterizado como homogêneo pela dificuldade de explicar seu sentido de maneira única.

Comumente, parte das igrejas desprezam os movimentos feministas – embora seja um movimento mundial e produza avanço civilizatório, uma vez que luta pelos direitos humanos das mulheres – a parte que despreza, propaga que o feminismo destrói a família, é contra Deus, não gosta dos homens e dessa forma, está contra a reprodução e a prática heterossexual. Esse imaginário social tem se constituído por ideias e práticas sociais legitimadas, que não pertencem a um único indivíduo, mas representa a coletividade. E, seu poder de expansão se dá por meio da linguagem e é, também, por meio dela, que ele passa a ser um construto real, físico e que divide espaços de poder. Juntamente a isso, há uma crescente onda de resistência conservadora a respeito dos estudos de gênero, pois a ideia é manter os privilégios do sistema patriarcal⁷.

⁶ GEBARA, Ivone. **O que é cristianismo?** São Paulo: Brasiliense, 2012.

⁷ Ver.: REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 38, n. 138, p. 9-26, jan./mar. 2017.



Toda essa força opressora, disseminada socialmente, está presente em diferentes dispositivos sociais, sejam eles instituições misóginas, publicações variadas, grupos representativos atualmente chamados de neofacistas e/ou supremacistas brancos, enfim, uma rede de representações que compõem a sociedade patriarcal e falocêntrica, impondo uma forma única de ser e viver, negando a diversidade. No caso específico desse artigo, nos atemos a um excerto de um dos livros da Bíblia Sagrada, que comumente é interpretado de forma única e fixa.

Dessa forma, na Bíblia, a teoria da criação é um feito que envolve fé e razão, pecado e salvação. Portanto, apreende-se nessas narrativas a ação de Deus, criadora de tudo que existe; as características profundas do ser humano, como a desobediência e o pecado; a presença do mal no mundo e a possibilidade de liberdade humana através do livre arbítrio.

PONDERAÇÕES SOBRE A NARRATIVA DA MULHER CRIADA A PARTIR DE UM PEDAÇO DO CORPO DO HOMEM

A teologia da criação fundamenta-se, sobretudo, no livro do Gênesis onde se encontram as duas principais narrativas sobre ela, sendo aqui o foco, Gn 2: 2-25. Ao analisar tal passagem bíblica, podemos verificar no texto a riqueza do ato criativo através de palavras como fundar, modelar, construir, separar, nomear, abençoar. Todas essas condições superiores são referidas ao Transcendente, representado pelo gênero masculino. Outro texto que reiterou a ideia do mito bíblico reincindindo o lugar de gênero na obra da Criação, foi a 1ª carta de São Paulo a Timóteo (2:11-15), a qual afirma que *a mulher deve guardar silêncio com toda a submissão, não permitindo que ela ensine ou tenha autoridade sobre um homem, além de manter-se em silêncio. Adão foi formado primeiro e não foi seduzido; depois Eva que, seduzida, caiu na*

Estudo mais aprofundado pode ser encontrado na dissertação de mestrado em Educação de Betina Torriani: TORRIANI, Betina Dias. **Patriarcado atualizado**: uma análise da campanha religiosa conservadora ao gênero na educação. 2020. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.



transgressão. Todavia, ela será salva por sua maternidade, contanto que persevere na fé, no amor e na santidade, com modéstia. Percebemos que tal trama incita mais uma vez a exclusão das mulheres nas atividades sociais e as responsabilizam pelos pecados humanos. Além disso, corrobora a ideia da obrigatoriedade da maternidade além da submissão constante. Essas ideias são propagadas como verdades únicas e, com o tempo, passam a fazer parte do discurso comum, legitimando-se como norma posta e instaurando-se como práticas sociais públicas e privadas.

Lê-se, também, na referida narrativa, que primeiramente o homem foi criado à imagem e à semelhança de Deus, mas que este sentiu-se só e necessitava de uma companhia, de alguém igual a ele. Contudo, esse ser secundário criado a partir de um pedaço do corpo do homem (costela)⁸ caracterizou-se como complemento, como adjutório e, muitas vezes compreendido como vulnerável, frágil. O que, em algumas situações, levou à naturalização da própria inferioridade desse ser humano-mulher. Para os filósofos medievais, Adão era substância, possuía existência a partir de si mesmo. Já Eva, para existir, tinha precisado de Adão, portanto, era um subproduto do essencial.

Nesse cenário, percebemos com o relato de elementos criados em forma sequencial, compassada e necessária para compor um todo harmoniosamente organizado. Somos remetidos a uma situação na qual tudo começa bem e é necessária uma explicação para o posterior desconcerto do mundo. Fazemos uso então, de uma metanarrativa, ainda pontente nos dias atuais, para valer-se de alguma forma, à tentativa de explicar determinados fatos vividos, a fim de justificar e responsabilizar alguém pelas mazelas da humanidade, nesse caso, à mulher. Sendo

⁸ Gênesis 2, 21-24: Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar; E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão. E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada. Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne.



assim, é possível, equivocadamente, atribuir ao feminino a desigualdade de gênero retomando o mito original e, não, à sociedade patriarcal opressora.

A exemplo dessa perspectiva de pensamento, uma das respondentes não concorda com essa assertiva e salienta:

“Detesto a história da criação do homem e da mulher em função da forma com que foi escrita, afinal coloca o homem como centro de tudo. A mulher surgiu a partir do homem, e foi criada para ‘auxiliá-lo’ como traz na passagem. A Bíblia foi escrita há milhões de anos, como estamos inseridos desde o início em uma sociedade machista, a história será contada a partir dessas expressões e colocações em que o homem é superior, e pensar o contrário é fora de questão, pois está escrito ‘na Bíblia’. Tudo escrito ali precisa ser interpretado!” (Respondente nº 10, grifos da respondente, jul. 2020.)

A resposta é enfática em sua afirmação no que tange à posição social masculina e todas as deferências que lhes são concedidas pelo fato de ser homem. Vivemos em uma sociedade patriarcal fundamentada numa lógica mística de cunho machista, ou seja, práticas sociais contemporâneas são atravessadas por marcas de diferentes instâncias ainda produzidas na Antiguidade e mantidas, até hoje, vívidas nas relações de gênero ocidentais. Essa ‘lógica mística’ refere-se à teoria criacionista na qual toda a vida na Terra e no universo é fruto da criação do Transcendente. Esse Transcendente configurado, corporalmente, como masculino é o responsável pelo significado e existência de todas as coisas.

Conforme a antropóloga mexicana, Marcela Lagarde y de los Ríos⁹, o empoderamento masculino na teoria criacionista é evidente. A autora expõe que a Santa Trindade é constituída por dois seres superiores masculinos, não corporificados, onipresentes e onipotentes e outro configurado carnalmente, também masculino, que veio à Terra com a missão de salvação da humanidade. Ao masculino é conferido, então, o poder de gerir, organizar, determinar o que é permitido ou não. O feminino, nessa representação, tem participação inferior cujos atributos referem-se à qualidade de mãe, a não divindade, à finitude, à serva de Deus.

⁹ LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. **Los cautiverios de las mujeres:** madresposas, monjas, putas, presas y locas. México: Universidad Autónoma de México, 2005.



Dessa forma, precisamos refletir sob o significado e a existência. Ao prestarmos atenção à ordem de criação na vida na Terra, percebemos a seguinte sequência: a luz, o céu, a terra e a vegetação, os corpos celestes, os animais aquáticos e as aves, os animais terrestres e o ser humano. Por fim, no sétimo dia, Deus descansou. Interessante verificar que todos os elementos criados anteriormente ao homem, estão ligados ao mítico, à natureza. Pode-se dizer que todo o 'cenário' foi preparado para a espera do ser humano e quem chega primeiro é o homem. A partir de então, para acompanhá-lo, é feita a mulher, oriunda de uma parte de seu corpo, ou seja, para ela existir, foi necessário a existência primeira do homem, sua condescendência da doação de uma parte de seu corpo e a aceitação de sua companhia.

Segundo essa perspectiva, podemos associar essa história perpetuada há séculos, à ideia da necessidade do masculino para a sobrevivência feminina. Necessidade essa, em termos sociais, econômicos e culturais, independentemente do lugar, do tempo e da classe social de qual a mulher faz parte, promovendo, assim, a aceitação dócil e incontestável da opressão patriarcal. Com isso, as mulheres assumem sua impotência e se submetem a relações hierárquicas de subordinação o que as impedem de gerir e decidirem sobre suas vidas de maneira autônoma, consciente ou inconscientemente. A teologia feminista é crítica ao formato patriarcal da dogmática cristã, uma vez que discute lideranças feministas, identidades sexuais, imagens hierárquicas patriarcais presentes no cristianismo. Mostra atuação cristã em âmbito social junto a mulheres que são alvo de culpabilização, da miséria, do abuso.

Vale ressaltar que, segundo Lagarde, o Deus católico apresenta uma relação diferente com o feminino se comparado às divindades de outras religiões.

es un Dios que no es esposo de la diosa, sino su padre, como lo es de todos los seres humanos, así como de su personificación humana, quien es su hijo. Ni el padre ni el hijo tienen esposa. Filosóficamente, en esta representación simbólica, la mujer (principio femenino) está ausente como par del hombre (principio masculino encarnado por le divinidad). [...] el principio divino es masculino y es absoluto, no hay espacio para ser ocupado junto, o al lado, en el mismo horizonte. En el único acto generador en que participa es en el de



la deidad humana, y lo hace por obra y voluntad del Dios total. Aun aquí, la mujer es sólo recipiente, entrañas, útero.¹⁰

Ao refletir sobre o que nos diz Lagarde, percebemos que não há pareamento termo a termo de importância e empoderamento ao tratar dos gêneros masculino e feminino. É reservado à figura masculina a distinção e o valor supremo e, ao feminino, resguardada a proteção necessária. Interessante perceber o reflexo da organização familiar divina na humanidade e sua repetição de papéis. Os protagonistas centrais da simbologia católica são antropomórficos e androcêntricos representados da mesma forma relacional na sociedade patriarcal contemporânea.

Que significado é corroborado com essas ideias? Que conceito é esse que está presente em um livro milenar, que orienta fiéis e de alguma forma regula seus comportamentos? Ou ainda, por que a primeira narrativa sobre a criação¹¹ não aparece no imaginário social das pessoas, na qual é afirmada a igualdade de criação de ambos os gêneros? Segundo Gebara, “falar de historicidade do cristianismo significa dizer que temos acesso apenas a certa história do cristianismo, aquela que teve condições de ser assimilada, documentada e difundida pelas instituições religiosas de poder”¹².

Por outro lado, corroborando à teoria criacionista, outra professora afirma que

“[...] depois de ter admirado todo o Jardim, de ter conhecido um pouco da perfeição de Deus, de ter dado nome aos animais, o Senhor viu que Adão precisava ter uma auxiliadora e alguém que o compreendesse, uma pessoa que fizesse parte de Tudo aquilo. Então fez Adão cair em um sono profundo e retirou uma costela do homem e criou a mulher. Mais um ato de soberania do Pai, de uma costela criar o ser mais lindo da terra, a mulher, com tanta curva e beleza a fez. E uma coisa que acredito é que Deus pensou em tudo, retirou a costela de Adão, uma parte do corpo humano onde a mulher tem uma posição, ‘lado a lado’, onde fica a costela, a mulher tem que estar ao lado do homem, Eva era auxiliadora e compreendia [...].” (Respondente nº 16, jul. 2020, grifo da respondente.)

¹⁰ LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005, p. 314.

¹¹ Referimo-nos aqui, a Gênesis 1, versículos 27 e 28, os quais dizem: E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra.

¹² GEBARA, 2012, p. 25.



Vale lembrar que a linguagem bíblica é uma metáfora, pois na verdade não é possível retirar alguma parte do corpo de alguém enquanto esse dorme. Os argumentos expostos pela segunda professora que detalham a narrativa, parecem justificar a ideia da necessidade de criação da mulher como complemento ao homem. Ela justifica a existência feminina como um ser compreensivo e 'auxiliador'. Também são trazidas a ideia estética da beleza e das curvas da mulher, referindo-se a um feminino que parece ser mais bonito que o masculino. Contudo, na linha de pensamento do livro da criação, são dirigidos à Eva atributos negativos como desobediência, concupiscência, desencaminhamento do bem, traição, uma vez que, por culpa dela a humanidade foi expulsa do paraíso.

Márcia Moraes afirma em seu texto que

[...] não posso deixar de mencionar o sexismo inserido na ideia de que Adão foi criado à imagem de Deus, e Eva, de uma das costelas de Adão, além de só servir como companheira do triste e solitário homem. [...] Essa imagem de ser apenas uma parte do homem, e não de Deus, é um forte componente para levar muitas mulheres a acreditar que sua submissão é natural. Divina e deve ser mantida para que os desígnios de Deus também sejam respeitados.¹³

Em momento algum discutimos dogmas de fé ou a veracidade do conteúdo do livro sagrado, mas refletimos sobre afirmações femininas contemporâneas baseadas em escrituras datadas de outrora e que designam práticas sociais atuais. É possível afirmar que as constituições femininas contemporâneas sejam atravessadas pelo crédito dessa simbologia criacionista resultando em papéis de submissão da mulher. Em uma perspectiva bíblica, certamente é necessário entender o processo de escrita dos textos bíblicos como produto de uma época, cultura e religião, porém, é essencial, uma vez que essas escrituras são tomadas como referências atemporais, realizar análise crítica da linguagem sexista na (re)leitura feita, a fim de resgatarmos tanto as narrativas e experiências de libertação quanto de opressão.

¹³ MORAES, Márcia. **Ser humana**: quando a mulher está em discussão. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 57.



Outro aspecto presente nas respostas, referente ao criacionismo, foi a atribuição de toda a responsabilidade pelo sucesso da vida feminina bem como sua proteção, à imagem masculina, onipotente, onisciente e transformadora. Isso faz parte do sentimento religioso criado em nós sob a perspectiva patriarcal hierárquica, que

não é desprovido de racionalidade como se poderia pensar, mas é uma racionalidade que entende a história humana e a história do mundo a partir de dois planos: o plano superior, que supõe ter de antemão o conhecimento da vida humana e de toda a criação, e o plano existencial histórico, o plano do cotidiano que é de certa forma dependente desse plano superior.¹⁴

Nossos sentimentos e comportamentos são aguçados conforme o plano que nos referimos: espiritual ou existencial. Nesse sentido, podemos dizer que o sentimento religioso abre uma esfera de emoções que interferem diretamente em nossas vidas, em nossas histórias. A força desse sentimento e do desejo de superar dificuldades potencializa imaginariamente um mundo metafísico. É como se este sentimento fosse determinado por uma esfera superior, misteriosa, independente do comportamento humano, objetivando-o e transformando-o em divindade. Dessa forma, ficam atribuídas as escolhas e a direção da vida das pessoas ao ser divino, justificando as consequências terrenas ao desejo do transcendente e, com isso, em ‘mãos masculinas’ a fim de gerir o ‘destino’ dos sujeitos. Esse engendramento está na base das religiões patriarcais.

A terceira opinião narra um processo de interpretação muito próximo ao conteúdo bíblico. Duas professoras afirmam que

“[...] aos 8 anos de idade fui batizada porque acreditei no Deus vivo, renasci em Cristo e isso me tornou uma pessoa melhor e me fez mais feliz em todos os outros dias da minha vida. Por isso e por muito mais que Deus faz na minha vida acredito na Bíblia e na criação do homem e da mulher bem como conta em Gênesis”. (Respondente nº 7, jul. 2020.)

‘[...] eu cresci dentro da igreja católica, cresci vivenciando, sou catequista, enfim a criação do mundo como o homem e a mulher pra mim vindo da Bíblia é muito importante. Até tive dificuldades na escola quando vinha a construção do mundo por explosões, porque eu sempre aprendi que foi Deus quem criou. Então para mim é muito magnífica essa criação de Deus, e também eu acho linda a parte, quando fala que a mulher veio da costela de

¹⁴ GEBARA, 2012, p. 44.

VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

LIBERDADE - IDENTIDADE - CRITICIDADE



Adão. Eu acho que o homem e a mulher se completam. Hoje, com 32 anos, tendo outras vivências, vejo talvez um tanto machista, mas acredito também que na época em que a Bíblia foi escrita as coisas eram dessa maneira, mas o sentido disso para mim é o amor. Tem gênero ali, homem e mulher, mas eu acho que onde vê ali é o amor, que eles se completam, que saem da casa do pai e da mãe para viverem juntos. Eu acho que é isso, quando a mulher encontra o homem ou a pessoa, nem sempre do gênero oposto, se sente feliz e se sente bem”. (Respondente nº 9, jul. 2020.)

Algumas questões chamam nossa atenção nesses dois relatos. No primeiro, ao ser batizada aos 8 anos, a professora afirma possuir a noção do amor de Deus. Ainda, foi possível verificar que a mesma docente afirmou ter se tornado uma pessoa melhor, ainda quando criança, batizada em Cristo, sinalizando a impotência da condição humana. A esse respeito, Gebara ressalta que o cristianismo “é entendido e explicado como a máxima revelação divina para o mundo, cuja finalidade é a salvação e a integração de todas as criaturas na unidade perfeita de Deus Trindade. Por isso se afirma que tudo procede da Trindade e tudo converge para ela”¹⁵. Dessa forma, fica compreensível o argumento da docente em relação à experiência vivida.

Na segunda resposta, a criação do homem e da mulher é relatada quase que bíblicamente e a descrição de que aquilo era magnífico e lindo, nos remete ao sublime, ao celestial, ao incomparável. Todas essas qualidades são referidas a Deus, compreendido como masculino, onipotente e onipresente. Apesar de confessar que considera um tanto machista a simbologia da criação submissa da mulher, aponta como compreensível por ser de outra época sua escrita, porém, a repetição desse padrão relacional é atemporal. Nesse mesmo relato, há a abertura ao que se refere à complementaridade de gêneros e a possibilidade que não seja pensada somente entre homem e mulher. São os paradoxos na vida de todas nós. A aceitação dessa submissão nos leva entender o que Marcela Lagarde analisa sobre a eficácia do poder patriarcal presente na simbologia criacionista e nos dias atuais, justificando tais ideias em nome do amor e da felicidade. Essa autora apresenta a ideia do pensamento mágico alimentado pelas mulheres ao longo das suas vidas. Elas aprendem que algo ou alguém virá salvá-las, que elas só precisam acreditar. “É um princípio religioso que

¹⁵ GEBARA, 2012, p. 20.



faz com que as mulheres considerem a vida, a sua vida e tudo o que ocorre ao redor delas como que causado por forças onipotentes, externas e alheio a elas”¹⁶. E tudo isso coexiste na mente das mulheres como um princípio político que alimenta uma visão de mundo.

Lagarde¹⁷ explica que o pensamento mágico e a dedução feminina sobre a vida andam juntas, uma vez que essa forma de apreender o mundo está relacionada com as práticas de opressão que as mulheres vivenciam fazendo com que elas alimentem essa representação simbólica de inferioridade e dependência. Ainda hoje, em sociedades patriarcais como a nossa, é possível perceber o destaque do universo masculino em detrimento do feminino. Um exemplo disso, é o conhecimento produzido pelos homens ter mais visibilidade, status, e valor quando comparado aos conhecimentos produzidos por mulheres. Além disso, o desconhecimento por parte das próprias mulheres a respeito das contribuições femininas para a ciência, das lutas por dignidade, dentre elas, a busca pela equidade de gênero, faz com que a relação de subordinação esteja presente nas práticas sociais cotidianas.

Convém salientar a presença, nos depoimentos, do poder e a obrigação feminina na transformação do parceiro e no apoio para seu sucesso. Com isso, as próprias mulheres afirmam que o papel feminino é imprescindível para impulsionar o homem. Curioso verificar que ao mesmo tempo que elas necessitam da proteção e reconhecem a característica protetora como própria do gênero masculino, sinalizam que eles necessitam de seu apoio para obtenção do sucesso e completude.

O próximo comentário aponta para essa direção.

“[...] na criação do homem e da mulher, eu vejo que Deus percebeu que o homem sozinho não conseguiria fazer tudo e dar conta de tudo se não tivesse alguém junto dele, até para a própria procriação da espécie. Acredito que a mulher foi feita da costela do homem, mas ela seria algo para agregar na vida dele, ela seria parte dele, mas essa parte dele seria essencial para a sua existência. Essa é minha opinião sobre o homem e a mulher na

¹⁶ LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005, p. 300.

¹⁷ LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005.



criação, a mulher veio para agregar, é uma parte dele, para que ele consiga progredir e criar tudo que criou desde então”. (Respondente nº 13, jul. 2020.)

Nesse comentário, a professora justifica a existência da mulher como protetora de um ser incapaz (o parceiro!). Essa é uma das características marcantes da idealização das relações afetivas contemporâneas: a responsabilidade do cuidado visando a obtenção do sucesso e o bem-estar do outro, atribuída ao feminino, e a capacidade de prover uma família, endereçada ao masculino. Significativo também é perceber o argumento reiterado da professora ao afirmar que a função feminina é agregar algo a alguém, nesse caso específico, a complementariedade ao seu parceiro. Nesse caso, a mulher seria incumbida de organizar o universo masculino, ou seja, mais uma forma de subserviência.

Nas seguintes respostas observamos que há resistências e críticas ao mundo patriarcal, que vislumbram uma reação ao que está posto socialmente para as mulheres.

“Na passagem bíblica, se o principal objetivo era criar alguém para ajudar o homem nas tarefas do Jardim, sendo assim, poderia ter criado um outro homem. Enfim, então já é história o fato de a mulher ser dependente do homem até na sua própria criação. E esses fatos vêm sendo sustentados durante séculos, por sociedades, e as mulheres cada vez mais escondidas por trás dos homens, vistas para procriar e cuidar da casa. Desconstruir isso agora é a principal luta das mulheres”. (Respondente nº 2, jul. 2020.)

“Essa passagem relata que a mulher foi criada através do homem para que ele não vivesse só. Diante disso, foi crescendo uma sociedade que acredita que a mulher deva se submeter ao homem na intenção de servi-lo e não o abandonar. São crenças que foram construídas na história humana e, a partir dela, padrões machistas foram implantados e vivenciados durante muito tempo. Nos tempos atuais, mesmo que esses padrões estejam sendo desmistificados, ainda encontramos mulheres que acreditam que devem estar disponíveis para o ‘homem’”. (Respondente nº 15, jul. 2020, grifo da respondente.)

A primeira opinião sugere a criação de outro homem ao auxílio do primeiro. É demonstrada certa indignação a respeito da dependência e submissão existencial da mulher em relação ao varão. Outro aspecto interessante é a menção que faz ao espaço doméstico designado ao feminino. Tais práticas se repetem em diferentes tempos e lugares desde outrora, permanecendo, ainda hoje, como atribuições ligadas ao trabalho reprodutivo das mulheres e entendido como feminino, fazendo com que a



jornada de trabalho delas seja duplamente assimétrica e exaustiva. E no contexto da pandemia da COVID19, o alto índice das múltiplas jornadas de trabalho no mundo das casas administradas pelas mulheres, revelou uma elevada precarização e dano da saúde mental e física delas.

Esses dois últimos depoimentos indicam a necessidade de mudança social e acenam para o abandono de oportunidades desiguais e da existência do patriarcado. É possível verificar em suas falas, a denúncia de mulheres que corroboram com essa estrutura de poder e opressão das quais são vítimas.

Margarita Pisano¹⁸ alerta para o fato de que mesmo que o movimento feminista já tenha conseguido modificar costumes e leis, há uma tremenda história de exploração, desigualdade e subserviência que ainda segue firme e forte. A autora analisa que a feminilidade é uma construção simbólica e de certa forma valorada pelos caprichos da masculinidade dominante que contém a feminilidade como sua consorte.

No caso específico da pesquisa que realizamos, ao questionarmos narrativas universais pautadas na opressão feminina, foi possível verificar que mulheres professoras justificam suas ações corroborando o sistema patriarcal sem perceber as tramas nas quais estão emaranhadas. Dessa forma, produzem e confirmam tais práticas ao mesmo tempo que lutam e reclamam, mas acabam mantendo a ordem patriarcal. Sendo assim, podemos pensar que grandes são os desafios das mulheres na luta pela conquista de equidade de direitos e reconhecimento. E os movimentos feministas precisam continuar atuantes para a garantia e a ampliação de novos debates e transformações aconteçam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Interessou, nesse artigo, verificar que as opiniões desse grupo feminino, diverge em sua opinião no que tange à veracidade e à compreensão da questão levantada a respeito da teoria criacionista. Contudo, em sua unanimidade, externam

¹⁸ PISANO, 2001.



seu cansaço e desconforto a respeito da sobrecarga de incumbências e à desigualdade de gênero junto à manutenção da vida junto as suas famílias.

Outro aspecto observado, foi a consideração da passagem bíblica referida neste artigo, pela maior parte das respondentes, como norteadora de suas vidas e, até mesmo, a consideração, da mesma, no sentido literal, como alusão de proteção, uma vez que referem-se à Trindade como onipotente, onipresente e onisciente. A máxima subversão citada foi a sugestão de interpretação ao que está posto, na tentativa de integrar à mulher a vida igualitária masculina.

Vale ressaltar, ainda, nas falas dessas mulheres, a presença do empoderamento místico, misterioso e divino da figura masculina do Transcendente, como ser responsável pelo sucesso ou fracasso de suas vidas contribuindo com a subordinação feminina e práticas opressoras cotidianas. Também foi possível perceber, que a maioria das professoras compartilha a ideia romântica da origem da mulher advinda da costela do homem com o intuito de completude, de adjunção, revelando a fragilidade, submissão feminina.

Quando se trata de intervir no campo das relações de gênero, é imprescindível aceitar que a constituição masculina e feminina são processos aprendidos historicamente e que perceber as masculinidades e as feminilidades é um modo de ser em constante transformação social. Contudo, urge a necessidade de pensarmos a respeito de narrativas postas como verdades fixas e imutáveis, passando a fazer uso da hermenêutica feminista que tem na suspeita, um dos seus fundamentos, utilizados na análise desse artigo.

O importante seria que cada pessoa pudesse fazer suas próprias escolhas no desdobramento do jeito de ser gente e de se relacionar com todas as pessoas. Todavia, com as desigualdades e injustiças de gênero, observamos que a opressão **ainda** é fortemente vivenciada pelas mulheres na sociedade patriarcal, e que inúmeras vezes, tais situações **ainda** não são percebidas como marcas de subserviência e tirania. Por isso somos desafiadas a nos preparar ainda mais criativamente para que seja possível que nossas alunas, nos cursos de Pedagogia e



de formação para o magistério, conheçam as marcas de subserviência, dominação e exploração naturalizadas. Problematizar o modo como aprendemos e como ensinamos a sermos mais humanos é, segundo nosso entendimento, ter presente a consciência de gênero, a consciência de classe e a consciência de raça/etnia, tendo a capacidade de analisar o que nos torna objetos ou autoras da nossa própria história, porque o princípio de tudo é a dignidade como fundamento das relações das pessoas entre si e com o mundo/meio ambiente.

Nesse sentido, entendemos que a escola, como instituição educativa por excelência, conforme a tradição republicana, procura tratar com amplitude e relevância as questões relativas à legitimação e efetivação das relações humanas, tendo em vista que essas estão imersas nos contextos e constituem as convenções sociais e culturais, questionando certezas e desestabilizando unidades.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Sônia; KALIL, Isabella. **Políticas Antigênero en América Latina: Brasil**. Rio de Janeiro: Observatorio de Sexualidad y Política – ABIA, 2020.

GEBARA, Ivone. **O que é cristianismo?** São Paulo: Brasiliense, 2012.

LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. **Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas**. México: Universidad Autónoma de México, 2005.

MORAES, Márcia. **Ser humana: quando a mulher está em discussão**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

PISANO, Margarita. **El triunfo de la masculinidad**. Santiago: Fem-e-libros, 2001.

REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 38, n. 138, p. 9-26, jan./mar. 2017.

TORRIANI, Betina Dias. **Patriarcado atualizado: uma análise da campanha religiosa conservadora ao gênero na educação**. 2020. 140 f. Dissertação (Mestrado

VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE
GÊNERO E RELIGIÃO
LIBERDADE - IDENTIDADE - CRITICIDADE



em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.